

# Visto, Lido e Ouvido

Esta coluna sai, hoje, do seu normal, em comemoração aos quinze anos de Brasília e do "Correio Braziliense". Durante estes quinze anos, aqui temos estado relatando as coisas da cidade e seu desenvolvimento até os dias de hoje.

Esta coluna não tem a pretensão de fazer a história da cidade, mas pretendemos, neste número, fazer uma reportagem dos fatos que marcaram a construção de Brasília. São fatos pitorescos, o que não quer dizer que tudo foi assim durante os três anos em que o Brasil construiu sua capital. Mas os fatos de maior profundidade, as razões das decisões, as incompreensões, ainda são muito recentes para a sua divulgação, para se fazer a história.

Será preciso que muito mais água passe pela ponte para que se possa falar com todos os detalhes de muita coisa que aconteceu na construção do Distrito Federal.

E os bastidores, no Rio, são um manancial de fatos que uma interpretação nos dias atuais poderia não ser pautada por uma verdade total.

## VISITA DE JUSCELINO

Apixonado pela obra, o então Presidente da República se desdobrava em trabalho. Ele não podia sair do Rio constantemente, porque muitos afa-zeres reclamavam sua presença.

E tomou então a decisão. Ele trabalhava até 8:00 horas da noite, no Palácio do Catete. Jantava, e tomava um helicóptero. Viajava até o aeroporto Santos Dumont. Lá, tomava um avião, e vinha para Brasília. Naquela época, os DC-3 levavam por volta de três horas em vôo direto. Ele aproveitava o tempo para dormir.

Chegando a Brasília, descia, visitava as obras de meia noite às 4:00 horas da manhã. Tomava de novo o avião, e voltava dormindo para o Rio. Chegando, ia para o Palácio, despachar.

Durante muito tempo ele fez isto três vezes por semana, para não deixar de visitar as obras da Nova Capital. Foi um esforço sobre-humano.

## ACAMPAMENTO DA EBE

Os acampamentos tinham uma organização exemplar, e as grandes companhias primavam pelo tratamento. A EBE, por exemplo, possuía um acampamento que era um primor. Bem ajeitado, arborizado, possuía piscina coletiva, teatro, cinema, e lugar para as brincadeiras das crianças.

Naquela época começou a haver choro novo em Brasília. Os primeiros engenheiros, em sua maioria recém-casados, chegavam para se instalar na futura capital, e aqui constituir família.

Os solteiros, entretanto, tinham também sua vida bem dividida entre o trabalho de dia e o de noite. Lá havia um descanso, eles se reuniam no "Bar Bebe", escrito com o próprio logotipo da companhia.

Um deles era o Kleber Farias Pinto, que amargurava a solidão de sua vida de então solteiro.

## ONIBUS PARA DEPUTADOS

A distância de Brasília para o Rio era tão grande, que quem vivia lá não tinha a menor idéia do que estava se passando aqui.

A construção da cidade prosseguia no seu ritmo acelerado, e enquanto isto, no Rio, as conjecturas da mudança iam tomando o tempo de muita gente.

Num dos relatórios sobre a mudança, há um detalhe interessante. O antigo diretor geral da Casa, sr. Adolf Giglioti, baseado em informações de funcionários, pedia uma verba para a compra de ônibus, que serviriam aos deputados. E ele explicava, então, que as distâncias de Brasília são muito grandes, e é necessário "que a Câmara dê transporte para os deputados".

## SEMI PROFISSIONAIS

Na construção de Brasília, os cidadãos vinham do norte, trabalhavam em sua maioria no campo, e aqui vinham conhecer o que era profissão.

A chegada, começavam como serventes, nas construções. Depois, conforme as necessidades dos acampamentos, eles iam se familiarizando com outros meios de trabalho.

Assim é que quando um cidadão via na porteira do acampamento que precisavam de carpinteiros, ia à Cidade Livre, comprava um martelo, um cinto com o porta pregos, um serrote, e se apresentavam como profissional. Lá dentro ia aprender.

No Hotel Nacional, o chefe do "buffet" de frios foi, durante muito tempo, um rapaz do Ceará que trabalhou como servente na obra do Palácio da Alvorada.

No mesmo hotel, entretanto, um dia em seguida à inauguração, o sr. José Tjours chegou a um funcionário do almoxarifado, de origem nordestina, e perguntou-lhe quantos pés tinha aquela geladeira em frente. O rapaz juntou pé, ante pé, e andou de um lado para outro da geladeira.

— Quatro, seu José.

Foram suas últimas palavras no emprego.

## KIM NOVACAP

Maria Markus, Olguinha, e várias outras moças de origem germânica trabalhavam no "Chez Willy", que era a grande atração como restaurante na Cidade Livre.

Maria Markus saiu, e comprou o restaurante Brahma, na 2ª Avenida. Olguinha, por sua vez, fez independência financeira e abriu o Olga's bar, que passou a ser a atração da noite em Brasília.

Uma casa de madeira, piso de cimento, apresentava, entretanto, uma particularidade, que era a pista de dança com o rebaixamento de um degrau, de onde saía a iluminação direcionada para a pista de dança.

Ali, muita briga de gente importante ficou escondida entre os cochichos dos amigos para evitar indiscrições. E os boleros enlevavam as noites madrugada a dentro. Foi o grande sucesso da época.

Uma moça também de origem germânica, mas de cabelos castanhos, apareceu um dia loura, louríssima, sem nada dever à Kim Novak, que era a grande atração cinematográfica do momento.

A sua entrada, quem se levantou foi o Caio Caiubi, para cumprimentar a Kim Novak.

## Ari Cunha

Uma tragédia, entretanto, estava reservada para os últimos dias daquela moça. Dominada por uma paixão, viciou-se em lança-perfume, e um dia amanheceu morta em seu quarto.

## PALÁCIO PLANALTO

Como todas as inaugurações daquele dia, a do Palácio Planalto foi também tumultuada. A construtora era a Pacheco Fernandes, e o engenheiro chefe era Fausto Favale.

O trabalho corria duro, porque era cidadão demais, e às vezes chegavam a se atrapalhar entre eles. As autoridades entendiam que o trabalho era difícil, mas queriam o prédio pronto e desimpedido, porque logo mais seria a solenidade. Os engenheiros e mestres de obras se explicavam, mas não convenciam.



Esta foto tem 15 anos. O Presidente Juscelino Kubitschek, sentado, ao lado de dona Sara, assiste ao desfile comemorativo da instalação da Capital do Brasil em Brasília. Era a tarde do dia 21 de abril de 1960 e o palanque fora armado na altura do Cine Brasília, no Eixo Rodoviário.

Houve um certo momento, em que o comandante Aécio, do Gabinete Militar, começou a dar ordens de retirada dos cidadãos. Fausto Favale que dirigia a construção, não aceitou, e houve um entrevero entre os dois de desafetos e nomes feios. Estava todo o mundo perdendo a cabeça naquele momento, quando chegou um mestre de obras, com a cabeça fria, e resolveu a contenda. Meteu-se entre os dois e gritou: "Se vão brigar aqui, olha o exemplo. É melhor todos trabalharem juntos, ou vão se embora dormir". Eles respiraram um pouco, e quando chegaram os convidados o Palácio estava entregue aos seus funcionários, e alguns cidadãos uniformizados de casacão azul faziam as vezes de contínuos, sentindo-se como se estivessem dentro de um jibão de couro.

Sul. No palanque, entre outros, o Senador Carvalho Pinto; o então Vice-Presidente João Goulart; o Governador do Estado do Rio, Roberto Silveira, que morreu, depois, num acidente de helicóptero e o atual Ministro da Justiça, Armando Falcão.